



UMA PROPOSTA DE ENSINO DE VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA POR MEIO DE PRODUÇÃO TEXTUAL A PARTIR DO GÊNERO MEME

Tamiris Barcelos dos SANTOS (IFF)¹
Ronaldo Adriano de FREITAS (IFF)²
Thiago Soares de OLIVEIRA (IFF)³

Resumo: Este artigo propõe, a partir da base teórica da Sociolinguística Educacional, uma abordagem da variação linguística por meio de uma sequência didática que trabalhe a leitura e a produção do gênero textual meme. A partir disso, objetiva-se investigar em que medida o ensino da variação linguística pode contribuir para o desenvolvimento da criticidade nos alunos do Ensino Fundamental II. A metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica, articulada a uma proposta de intervenção pedagógica, que consiste numa sequência didática para uma turma do 8º ano do ensino fundamental. Ao fim, conclui-se, com a confirmação da hipótese, que os memes podem funcionar como ferramenta para a formação de alunos linguisticamente críticos e reflexivos acerca do uso de variantes, ampliando seu repertório diante de vários contextos linguísticos.

Palavras-chave: Sociolinguística Educacional. Variação linguística. Gênero Textual. Meme.

Abstract: This article proposes, based on the theoretical basis of Educational Sociolinguistics, an approach to linguistic variation through a didactic sequence that works on reading and producing the textual genre meme. From this, the objective is to investigate to what extent the teaching of linguistic variation can contribute to the development of criticality in Elementary School II students. The methodology adopted is bibliographical research, linked to a proposal for pedagogical intervention, which consists of a didactic sequence for a class in the 8th grade of elementary school. In the end, it is concluded, with the confirmation of the hypothesis, that memes can function as a tool for the formation of students who are linguistically critical and reflective about the use of variants, expanding their repertoire in the face of various linguistic contexts.

Keywords: Educational Sociolinguistics. Linguistic variation. Text Genre. Meme.

1 Introdução

A Sociolinguística comprehende a língua como “heterogênea, múltipla, variável, instável e sempre [...] em desconstrução e em reconstrução” (BAGNO, 2007 p. 36-37). A língua portuguesa, como idioma vivo, está em constante “atividade social”, sendo utilizada pelos

¹ Acadêmica da Licenciatura em Letras – Instituto Federal Fluminense; Campos dos Goytacazes-RJ. Brasil. tbarcelosdossantos@gmail.com.

² Doutor em Estudos de Linguagem – UFF. Professor do Instituto Federal Fluminense; Campos dos Goytacazes-RJ. Brasil. ronaldo.freitas@iff.edu.br.

³ Doutor em Cognição e Linguagem – UENF. Professor do Instituto Federal Fluminense; Campos dos Goytacazes-RJ. Brasil. thiago.soares@iff.edu.br.



indivíduos inseridos em comunidades que também são heterogêneas. Nesse sentido, comprehende-se que linguagem e sociedade estabelecem uma relação inerente na qual ambas são fundamentais em todo evento comunicativo.

Com base nisso, surge a questão: Em que medida o ensino da variação linguística pode contribuir para o desenvolvimento da criticidade nos alunos do Ensino Fundamental II, considerando-se os pressupostos de heterogeneidade linguística e os elementos comunicativos e interacionais existentes dentro da diversidade social da sala de aula? A pergunta surge a partir do entendimento de que um dos papéis do professor é promover um ensino de conscientização das diversificadas dinâmicas sociais e formar alunos que compreendam as concepções adotadas em todo momento nas relações entre pessoas por meio da linguagem (BAGNO, 2007).

Buscando como ponto de partida os estudos sociolinguísticos, sobretudo a Sociolinguística Educacional, este artigo objetiva investigar em que medida o ensino da variação linguística pode contribuir para o desenvolvimento da criticidade nos alunos do Ensino Fundamental II. De modo mais específico, pretende-se ainda: a) discorrer brevemente a respeito dos principais pressupostos da Sociolinguística, especialmente da Sociolinguística Educacional; b) conceituar o gênero textual meme, apontando suas funcionalidades na linguagem; c) propor uma sequência didática direcionada a uma turma do Ensino Fundamental II (8ºano), correlacionando a produção do gênero textual meme à temática da variação linguística.

Metodologicamente, a primeira parte deste estudo é delineada, quanto aos procedimentos, como uma pesquisa bibliográfica, pois a fundamentação teórica que antecede a proposta de sequência didática “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2008, p. 50). Para tanto, a base teórica adotada forma-se a partir da obra de teóricos que tratam da Sociolinguística, inclusive no campo educacional, a exemplo de Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Labov (2008), Braga e Mollica (2020), além de estudiosos que se dedicam à temática do ensino de gênero textual em sala de aula, como é o caso de Bezzera, Dionísio e Machado (2010) e Marcuschi (2008). Para a formulação da sequência didática, recorre-se à obra de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

Por fim, espera-se que esta pesquisa possa contribuir para aqueles que estudam e desejam se aprofundar neste assunto, sobretudo alunos da graduação e pesquisadores iniciantes da área, no sentido de proporcionar reflexões necessárias que aliem o conhecimento teórico à prática de ensino, pontuando que a revisão de práticas e metodologias deve ser um exercício



contínuo. Assim sendo, não se pretende esgotar o assunto, tampouco os vieses a partir dos quais a temática pode ser abordada.

2 Sociolinguística educacional e seus pressupostos

Linguagem e sociedade se configuram, dentro do contexto histórico, como dois campos férteis de estudo que se inter-relacionam. Além disso, a consideração de ambas as áreas provindas do campo científico contribuiu para o surgimento de diferentes concepções ou teorias no que diz respeito à real relação entre elas. A partir disso, surgem os primeiros estudos no campo das teorias linguísticas. Os estudiosos se empenhavam em desvendar as teorias linguísticas descrevendo seu modo de análise e descrição levando em conta o fator social (ALKMIM, 2012).

A partir da década de 1960, “a linguística nacional cresceu e passou a receber maior influência norte-americana, com a divulgação da teoria gerativo-transformacional” (BORTONI-RICARDO, 2005, 19), modelo que se atentava ao uso da competência linguística e ao domínio ou desempenho dos falantes⁴. Com isso, a Sociolinguística se desenvolveu no exterior por meio da escola gerativa, que se caracterizava pela diversidade do acervo linguístico em diferentes comunidades, nas quais se verificava se a competência social era significativa em relação ao aspecto formal da língua (BORTONI-RICARDO, 2005).

Tendo surgido como uma das áreas de estudo da Linguística, a Sociolinguística⁵, de modo geral, é o campo que estuda o uso da língua dentro de uma comunidade de fala, voltandose para a investigação da interação entre aspectos linguísticos e sociais. Labov (2008), no entanto, defende que não se pode desvincular o estudo da língua do componente social a ela inerente, de modo que não é possível vislumbrar a Linguística como ciência desvinculada de um fator social, até porque “a língua é uma forma de comportamento social” (LABOV, 2008, p. 215). Assim, para ele, “Sociolinguística” seria um termo redundante.

Na área educacional, a Sociolinguística trata, entre outros pontos, de disseminar a variação linguística, mostrando ao aluno que existem maneiras distintas de conformar o

⁴ Segundo Bortoni-Ricardo (2004), Chomsky, criador da gramática gerativa, postulava que competência é o conjunto de regras que permite ao falante utilizar variadas sentenças, sendo reconhecidas pelo sistema de regras da própria língua do falante, ou seja, as sentenças bem formadas por ele e vista de forma abstrata. Já o desempenho consiste no domínio efetivo do falante. Dessa forma, é pelo uso concreto que o falante reproduz seu conhecimento pela comunicação.

⁵ Cf. Eckert (2005), cujo trabalho explana a respeito das três ondas da Sociolinguística a partir dos pressupostos gerais da variação, convenção e significado social.



emprego da língua⁶ em relação a um mesmo assunto. Neste quesito, compreende-se que tais alternativas apresentam processos comunicativos distintos que são concebidos pela sociedade de várias maneiras, pois o aluno é inserido na escola também com variações próprias de sua realidade social, e estas variantes não devem ser ignoradas no âmbito educacional (BORTONIRICARDO, 2005).

Com efeito, os estudos sociolinguísticos modernos se pautavam em três concepções: sociedades multilíngues ou multidialectais; comunidades falantes de línguas crioulas ou pós-crioulas; dialetos ou variedades urbanas e/ou étnicas. Entretanto, essas concepções não se enquadram amplamente na realidade sociolinguística no Brasil, pois o país apresenta peculiaridades que o individualizam, assim como ocorre com outras sociedades. Segundo Bortoni-Ricardo (2005), há duas concepções que configuram a realidade linguística brasileira: a grande variação no repertório verbal e o acesso limitado à norma-padrão.

Considerando que a abordagem da Sociolinguística Educacional na sala de aula pautase em dois pontos de vista, quais sejam “a postura que considera o ‘erro’ uma deficiência do aluno e a postura que vê os chamados ‘erros’ como uma simples diferença entre as duas variedades” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 37), isso evidencia a necessidade de mudança na forma como são tratados os supostos “erros” discentes. A verdade é que a noção de erro é uma concepção firmada por meio de fenômenos sociais e culturais, ou seja, a própria sociedade, ao longo do tempo, determina o “certo” ou o “errado” sob suas visões de mundo, juízos de valor ou crenças que fazem ideias serem justificativas sem que haja um fenômeno empírico que comprove tal natureza, que não seja fruto da própria invenção humana (BAGNO, 2007).

Por isso, vale ressaltar que práticas baseadas numa pedagogia “sensível aos saberes do aluno” evidenciam maneiras de conscientizar o professor acerca das diferenças linguísticas em sala de aula, ao mesmo tempo que levantam dúvidas em relação à maneira como o docente deve abordar os chamados “erros” no ambiente escolar (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 38). Nesse ponto, estudos da área pedagógica fundamentados pela Sociolinguística sugerem que o professor promova “práticas de linguagem significativas, de forma que a inclusão seja promovida de maneira satisfatória, em que todos participem das práticas e eventos de letramento” (PINHO; VACARIO, 2017, p. 278). Para isso, o educando precisa eliminar atitudes que promovam o preconceito em relação às variedades não padrão, que são também parte de

⁶ A depender de quem fala, com quem se fala, da mensagem a ser transmitida, etc.

língua portuguesa. A tarefa de todo educador é proporcionar uma reeducação sociolinguística, de acordo com Pinho e Vacario (2017).

O professor, quando estiver nessa situação, pode utilizar duas estratégias: “a identificação da diferença e a conscientização da diferença” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 42). A primeira é gerada pela falta de atenção e desconhecimento por parte do docente em relação a determinada regra; já a segunda é um processo difícil, pois o aluno precisa ser conscientizado acerca das diferenças e, então, promover o monitoramento de seu estilo. Isso gera prejuízo, já que os professores tratam as diferenças de forma indevida e provocam o desinteresse do aluno sobre o estudo das variantes (BORTONI-RICARDO, 2004).

Ainda na perspectiva da relação entre a Sociolinguística e o ensino, o ambiente escolar deve evidenciar o uso criativo e competente da língua portuguesa, garantindo que os alunos tenham segurança ao manejarem a língua. Dessa forma, a escola promove a diversificação e a pluralidade linguística. O respeito dos professores ao tratar das diferenças linguísticas, evitando a negação, o preconceito e a avaliação negativa que a variedade não padrão recebe, é essencial. Devem-se, também, criar alternativas que contemplem o vernáculo⁷ e a língua prestigiada, analisando sua variação em seus processos interacionais e, ao mesmo tempo, conscientizar as desigualdades de forma crítica (COAN; FREITAG, 2010).

Agindo dessa forma, reforça-se que, no campo de estudo da Sociolinguística, a variação linguística se apresenta como um dos objetos primordiais⁸, compreendida ela como um fenômeno universal⁹ por meio do qual são possíveis formas linguísticas distintas, que são chamadas de variantes. Estas, por sua vez, funcionam como alternativas linguísticas que podem caracterizar um fenômeno variável. Dessa forma, quando se trata de analisar duas variantes, ou seja, dois significantes que possuem o mesmo significado, o pesquisador (e o docente) se encontra numa posição de como “saber a que função correspondem essas diferentes formas” (CALVET, 2002, p. 92).

⁷ Bagno (2007, p. 51) apresenta o conceito com base na proposição de Labov, entendendo que vernáculo consiste no “estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala”, isto é, a ocorrência de maior espontaneidade no uso da língua.

⁸ Além da variação linguística, há outros objetos que são parte do campo de estudo da Sociolinguística. Como apresenta Mollica (2020, p. 10), “ contato entre as línguas, questões relativas ao surgimento e extinção linguística, multilinguismo, variação e mudança” são áreas de investigação dentro da Sociolinguística.

⁹ Entende-se por fenômeno universal uma variável dependente que “pode significar fenômeno em variação ou grupo de fatores” (MOLLICA, 2020, p. 11). Nesse sentido, a variável dependente é determinada pelo emprego das variantes, não sendo aleatório, mas influenciado por determinados fatores advindos de razão social ou estrutural.

Dessa forma, a relação entre as variantes depende de uma série de fatores que determinam por qual razão tal variante opera no processo comunicativo entre os falantes. Sobre isso, Calvet (2002, p. 99) apresenta três parâmetros¹⁰: variações diastráticas, variações diatópicas e variações diacrônicas. Enquanto a variação diastrática se entende na análise por grupos sociais, por exemplo, grupo de classe alta e grupo de classe baixa, a variação diatópica se entende na análise determinada por locais diferentes, por exemplo, o encontro entre carioca e nordestino. Já a variação diacrônica é observada na análise de grupos de faixa etária divergentes (e também por tempos cronológicos diferentes), como é o caso da relação entre um idoso e um adolescente.

Assim sendo, a questão diz respeito à consideração, no estudo das variantes, da existência de fatores extralinguísticos, que são “a formalidade vs a informalidade do discurso, o nível de socioeconômico, sua escolaridade, faixa etária e sexo” (TARALLO, 2005, p. 46), pois estes e outros fatores existentes são fundamentais na abordagem do assunto por serem ponto de partida para o estudo da variação linguística. Isso porque, segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 47-49), tais fatores, quais sejam “grupos etários, gênero, status socioeconômico, grau de escolarização, mercado de trabalho e rede social”, são atributos que o falante carrega e fazem parte da dinâmica interacional que forma uma comunidade ou sociedade. A partir disso e compreendendo a complexidade do estudo da variação, esses pontos acabam sendo indispensáveis à discussão em sala de aula.

3 O uso do gênero textual meme e suas contribuições

A fim de realizar a sequência didática mencionada, foram consideradas algumas questões acerca do ensino de língua portuguesa em sala de aula, sobretudo ao uso do gênero textual como metodologia de ensino. Por volta da década de cinquenta, o ensino de língua portuguesa era tratado a partir de manuais de gramática. Os alunos que frequentavam as escolas eram majoritariamente de classes privilegiadas, logo já se submetiam às regras desses manuais sem dificuldades (BEZERRA, 2010, p. 44).

¹⁰ Calvet (2002, p. 79) apresenta outros exemplos no qual a língua é sujeita a aparecer quando se trata dos estudos sobre as variantes. As variáveis na língua podem surgir por vários fatores como geográficas; fonéticas; sociais, além disso, destaca que a Sociolinguística busca relacionar as variáveis linguísticas junto às variáveis sociais, mas isso não foi uma tarefa fácil; ao contrário, levou-se tempo para que os estudiosos pudessem relacionar esses dois eixos que são o foco da área.

Nessa mesma época, as escolas passam a receber alunos provindos de outras classes sociais, ou seja, deixou de haver professores voltados exclusivamente à classe privilegiada. A partir desse período, à medida que crescia o número de alunos, consequentemente crescia o número de professores. Entretanto, as práticas sobre o ensino continuavam as mesmas, ou seja, o ensino restrito somente à análise gramatical. É nesse contexto que surge o livro didático, que desempenha a função de prover o conhecimento nas aulas a esses professores, passando a ser, futuramente, o manual em que os educandos irão realizar suas atividades e exercícios.

O livro didático se tornou uma grande ferramenta para os educadores e, com o decorrer do tempo, buscou-se uma nova reformulação “em seus conteúdos, metodologias e concepções teóricas” (BEZERRA, 2010, p. 45). Visto que, o livro didático ainda se voltava para as regras gramaticais, a atenção se voltou para ampliação na variedade social, pois se entendia que, havendo um novo grupo social, há nele variados textos, promovendo maior interação nas relações sociais. Desse modo, Bezerra (2010, p. 46) justifica que

encontramos recomendações que o ensino de língua portuguesa gire em torno do texto, de modo a desenvolver competências linguísticas, textuais e comunicativas nos alunos, possibilitando-lhes uma convivência mais inclusiva no mundo de hoje.... Assim, a ênfase na leitura, análise e produção de textos narrativos, descriptivos, argumentativos, expositivos e convencionais, considerando seus aspectos enunciativos, discursivos, temáticos, estruturais e linguísticos.

Nessa perspectiva, os livros didáticos passaram por mudanças tendo em vista que os alunos pudessem analisar e reproduzir os textos nele contidos, e isso se enfatizou pela necessidade de ter o acesso a textos mais atuais e próximos à realidade discente, considerando, então, todo o tipo de temática e de linguagem. Por isso, essa concepção se reflete no ensino da variedade linguística padrão, pois o uso de textos diversos, sobretudo da mídia, por exemplo, traz grandes contribuições para os estudos variacionistas, que visam compreender qual a variedade padrão brasileira e qual variedade deve ser ensinada a partir dos estudos e da análise destes textos.

Nesse sentido, estudiosos defendem que, nesses textos, há a presença da variedade padrão brasileira, seja escrita, seja oral, e também entendem que “o ensino de português deve privilegiar texto e gêneros os mais diversos possíveis” (BEZERRA, 2010, p. 49). Gênero textual, segundo Marcuschi (2008, p. 155), refere-se aos “textos materializados em situações comunicativas recorrentes”, de modo que o ensino dos gêneros textuais promovam padrões sociocomunicativos distintos caracterizados por sua função, objetivo enunciativo e estilo.



Marcuschi (2008, p. 154) destaca que o gênero textual faz parte do processo comunicativo, ou seja, “é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isso porque toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero”. Portanto, o gênero textual é fundamental para o funcionamento da língua e das operações culturais e sociais, destacando que as interações humanas se dão por meio da linguagem. Logo, o gênero não deve se desvincular do seu contexto social e das relações humanas efetivas. Por esse motivo, a pesquisa em questão propõe o trabalho com o gênero textual meme, pois o gênero, além de ser atual e próximo da realidade dos alunos, é também versátil e promove a heterogeneidade linguística.

Sobre a importância de se utilizar na sala de aula os gêneros digitais, Silva Júnior e Oliveira (2023, p. 2197) apontam que “as redes sociais são por excelência um gênero textual, pois se caracterizam por uma demanda de comunicação social. São uma tipologia textual formulada por diversos tipos de sujeitos e circulados em uma linguagem informal e multifacetada (com imagens, áudios e vídeos)”. Nesse sentido, o uso das redes sociais, principalmente os gêneros que são circulados no âmbito digital, contribui significativamente na formação dos alunos. O memes se apresentam como exemplos de textos a serem trabalhados, pois compõem um gênero de rápida compreensão e interação entre os falantes e são conceituados como

ideias que também são replicadas de tempos em tempos, e ele tem três características de replicadores: a longevidade, que diz respeito ao tempo em que um meme ficará disponível numa cultura; a fecundidade, que é a sua habilidade de gerar cópias; e a fidelidade da cópia, que é capacidade de o meme gerar cópias com a maior semelhança possível com o original (LIMA-NETO, 2020, p. 2251 – grifos do autor).

O meme tornou-se um gênero textual versátil pelo seu “uso de figuras/fotos em determinadas situações, em geral num tom humorístico, ligadas a época atual, o que aumenta a eficácia de sua função comunicacional para o atingimento de seu objetivo com um campo de inserção voltado quase que exclusivamente às redes sociais” (FREITAS; SILVA, 2019, p. 6). Além disso, o uso de imagens/figuras e a presença do texto verbal promove a fácil leitura e compreensão, como também, fornece grande intertextualidade enriquecendo seu entendimento e alcançando seu objetivo final (FREITAS; SILVA, 2019).



Por fim, é importante mencionar que a Base Nacional Comum Curricular¹¹ (BNCC) destaca o uso desse gênero para o ensino de língua, apontando informações e opiniões que são vinculadas por meio dele. O ensino do gênero textual na sala de aula reforça o verdadeiro papel de todo educador, que é preparar o aluno para todas as possíveis situações comunicativas que ele venha a vivenciar. Assim sendo, o ensino do gênero, juntamente com a perspectiva da Sociolinguística, ajuda o educando a construir um novo papel no ensino da Língua Portuguesa, ou seja, passa a promover o ensino reflexivo que difere do ensino tradicional voltado para a gramática e memorização (SILVA JÚNIOR; OLIVEIRA, 2023, p. 2197).

4 Descrição das atividades

A sala de aula é um campo fértil para aqueles que desejam pesquisar processos comunicativos que estão presentes na língua e na vida do falante. Em vista disso, a Sociolinguística Educacional compreende que, para a conscientização sobre as variantes na língua, deve-se primeiro atentar-se para a sala de aula, já que nela há uma diversidade de falantes provindos de diversos lugares.

Dessa forma, na busca pela melhor maneira de adotar os preceitos que a Sociolinguística Educacional propõe para o ensino da língua, foi considerado o conceito de sequência didática (SD) formulado por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 82), que definem a SD como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de gênero textual oral ou escrito”.

Inicialmente, a sequência didática proposta contempla, de acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), as etapas de apresentação da situação, módulos e produto final. Dessa maneira, a SD é caracterizada pela seguinte estrutura:

1. A apresentação da situação consiste na descrição detalhada da tarefa oral ou escrita que os alunos realizarão, ou seja, o primeiro texto;
2. Os módulos consistem no conjunto de atividades e exercícios que auxiliarão o aluno na produção do gênero textual aplicado pelo professor;

¹¹ A Base Comum Curricular (BRASIL, 2018, p. 177) apresenta duas competências que englobam o trabalho com o gênero textual meme, previsto para o 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, que são “analisar as diferentes práticas (curtir, compartilhar, comentar, curar, etc) e textos pertencentes a diferentes gêneros da cultura digital (meme, gif, comentário, charge digital, etc) envolvidos no trato com a informação e opinião” e “analisar textos de opinião (artigos de opinião, editoriais, cartas de leitores, comentários, posts de blog e de redes sociais, charges, memes, gifs etc.) e posicionar-se de forma crítica e fundamentada”. Entretanto, o propósito desta pesquisa está somente na utilização do gênero textual considerando a análise a respeito da temática da variação linguística.



-
3. O produto final consiste em os alunos aplicarem na prática tudo o que foi ensinado no decorrer da SD e avaliar também o desempenho.

Com base nisso, será descrita, neste tópico, a proposta de uma sequência didática¹² destinada a alunos do ensino fundamental II, especificamente a alunos no 8º ano do ensino fundamental, atendendo à temática da variação linguística em correlação com a abordagem do gênero textual meme, que será o objeto utilizado para que seja tratada a temática da variação com alunos. Sendo assim, a SD será composta por cinco aulas que visam, ao seu fim, formar alunos reflexivos e críticos a respeito do tema proposto, da seguinte forma:

Aula 1

O professor abordará dois temas: a variação linguística e o gênero textual meme. No primeiro momento, discutirá com os alunos as impressões e os conhecimentos prévios sobre o tema. Em seguida, o professor explicará o motivo de esse tema existir na aula de Língua Portuguesa e apresentará em slide em que se estuda o tópico. A partir disso, o educando assumirá sua primeira tarefa, que é a identificação da diferença entre a variante padrão e a coloquial.

Em seguida, no segundo ponto da aula, o professor comenta, inicialmente, um relato sobre uma imagem que retrata o gênero meme, descrevendo uma situação cotidiana que envolve seu uso (por exemplo, um momento de conversa com alguns amigos). Depois, o professor passará a vez aos alunos para que relatem suas próprias experiências sobre o gênero e como o utilizam atualmente. A partir dessa conversa, o docente exporá as principais características do gênero discutido.

Nessa aula inicial, o intuito principal é coletar as primeiras impressões e verificar o grau de conhecimento dos alunos sobre o gênero discutido, além de verificar o que pode ser aproveitado para a seguinte aula, já que a próxima terá como foco a variação linguística e como tal conteúdo pode ser visto por meio do gênero meme. Além disso, o objetivo da sequência didática, pautada teoricamente nos estudos da Sociolinguística Educacional, é tentar assumir duas estratégias que são “a identificação da diferença e a conscientização da diferença”

¹² O plano da sequência didática elaborada e todo material usado nas aulas encontram-se disponíveis em:
<https://trello.com/invite/b/TIWqTlc/ATTlef5cc68a97f09680553ce2ae30447abe4663A4F1/genero-textualmeme-variacao-linguistica-turma-8-ano>

É necessário criar o login para acessar o mural no Trello.



(BORTONI-RICARDO, 2004, p. 42), entendidas ambas como fundamentais para o ensino sobre variação linguística.

Aula 2

Na segunda aula, o professor retomará verbalmente o tema da variação linguística e também o gênero textual meme, apresentado na aula anterior. A partir dessa exposição, será solicitada uma pesquisa que consiste em que os alunos, em duplas, tragam na próxima aula, em forma de imagem, um exemplo de texto atendendo aos seguintes critérios:

- a) o texto deve já ter sido usado ou visto em redes sociais;
- b) a imagem deve apresentar linguagem verbal, ou seja, frase, período ou palavra.

Além disso, o professor explicará aos alunos qual será o trabalho a ser realizado ao longo da sequência didática. A atividade consiste em os alunos fazerem a produção de um texto que atenda às características do gênero textual meme e que se correlacione com a questão da variação linguística, abordada em sala de aula. Primeiramente, o docente solicitará a pesquisa do texto, a qual deverá ser feita em casa. O objetivo disso é que os alunos possam ter exemplos para embasar a produção do texto que será produzido e apresentado ao fim, como avaliação final.

A segunda aula será o início dos módulos, ou seja, uma série de atividades/aulas vistas como etapas para a reprodução do gênero proposto. Nesse sentido, o professor iniciará a primeira tarefa, que será a busca por exemplos com o objetivo de ajudar os alunos a terem material para produzir o texto. Como o texto é muito comum pela internet, o professor dará instruções de como deve ser feita a pesquisa e como deve ser entregue na próxima aula.

Aula 3

Na terceira aula, os alunos apresentarão ao professor os textos que foram pesquisados e coletados. Em seguida, professor e alunos analisarão o conteúdo verbal, descrevendo sua relação com a imagem presente. Nesse momento, o professor classificará, juntamente com os alunos, os textos que são pertencentes à variante padrão e à variante coloquial. Para isso, o professor pedirá aos alunos para marcarem as principais palavras e expressões e discutirá o sentido e o motivo da utilização de períodos, textos ou palavras. Depois, exporá novamente os elementos que foram discutidos sobre variação linguística e os correlacionará com os textos

pesquisados. Também explicará a próxima tarefa que os discentes farão na próxima aula, a saber a produção de um texto que tenha as características do gênero textual meme.

Nessa aula, o professor iniciará o processo de conscientizar os alunos sobre as variantes na língua portuguesa. Como o gênero textual estudado é de fácil acesso aos alunos, eles serão incitados a perceber que as variantes produzem sentidos específicos, pois o falante adapta sua maneira de dizer ou de expressar sempre de acordo com o momento comunicativo no qual se situa.

Segundo Marcuschi (2008), o uso de um gênero é inevitável sempre que o falante está diante de um evento comunicativo e interacional. Como o autor afirma, “é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 154). Pela prática textual, os alunos perceberão como as variantes são utilizadas e, posteriormente, que a variação linguística é, muitas vezes, usada de forma intencional. Ao final da aula, o professor passará à próxima etapa, que é a produção de um mural virtual para a exposição dos textos produzidos pelos educandos.

Aula 4

Na quarta aula, o professor, juntamente com os alunos, criará um mural virtual, que funcionará como o local onde os alunos exporão o texto produzindo em duplas, em casa. Também, o professor auxiliará as duplas que estão com dificuldades no trabalho proposto.

Na criação do mural, a plataforma escolhida será o Trello, e o professor instruirá sobre como criar o mural pelo smartphone ou computador. Na aula, o docente mostrará como usar o aplicativo pelo telefone, visando facilitar o acesso aos alunos. Cada dupla criará seu acesso e será inserida no mural da turma que o professor criou. Ainda no encontro, o professor trabalhará a coletividade e a criatividade dos alunos, além de ajudar os que pouco dominam as ferramentas digitais a aprender juntamente com os colegas que têm maior domínio.

Aula 5

Na quinta aula, os alunos, em suas respectivas duplas, apresentarão o texto que produziram e postaram no mural virtual. Cada dupla fará um breve resumo de como foi o processo de criação do texto e também comentará o que representa e como pode ser utilizado, apontando as características do gênero textual meme.

Após a apresentação das duplas, o professor distribuirá um formulário em que os alunos escolherão uma dupla que apresentou o texto no mural virtual e pedirá para cada dupla escrever uma pequena avaliação sobre o trabalho que a outra dupla apresentou. Dessa maneira, cada par avaliará o outro. Por fim, em tom de bate-bate, o professor fará a sua consideração sobre o trabalho que cada dupla produziu e relembrará os temas que foram discutidos ao longo das aulas, encerrando a sequência didática prevista.

Considerações finais

A pesquisa desenvolvida apresentou uma proposta de uma sequência didática com a abordagem da temática da variação linguística a partir do gênero textual meme, considerando os pressupostos apregoados pela Sociolinguística Educacional e compreendendo sua relevância para o ensino de língua portuguesa em sala de aula. Foram cumpridos os objetivos propostos na tentativa de responder à questão-problema suscitada.

Passada a fase da pesquisa teórica, quando foram expostos os principais pressupostos da Sociolinguística Educacional e definido que se entende por meme, a proposta desenvolvida demonstra que o professor desempenha um papel fundamental na formação do aluno e que a sala de aula pode ser um campo fértil de preparação para os possíveis eventos comunicativos presentes no cotidiano do aluno. Isso porque pensar no ensino que visa conscientizar sobre a pluralidade linguística que resulta do processo variacional é, também, pensar numa reeducação pedagógica, considerando que o ensino não deve se pautar apenas na análise gramatical.

Nessa perspectiva, o professor precisa considerar as singularidades presentes na língua, ou seja, considerar que a língua portuguesa comporta variantes, e abordar o assunto com o aluno, não expondo diferenças linguísticas que promovam o preconceito e o desinteresse do aluno, mas auxiliando-o a analisar, refletir sobre como a existência das variantes é fundamental nos eventos comunicativos em que se enquadram os falantes. Por isso mesmo, a sequência didática se apresenta como uma metodologia possível para a abordagem da variação linguística, sendo o docente um mediador no desenvolvimento crítico e reflexivo da turma diante a temática.

Por fim, na função de mediador, o professor deve assumir o papel de conscientizar e garantir que os alunos compreendam como a língua funciona, desmistificando a noções de “certo” ou “errado”, sem deixar de analisar o motivo de existirem os processos variacionais, de modo que se possa promover a aceitação dos diferentes modos de manejo do idioma. A partir

de outras propostas e iniciativas além desta, a temática da variação pode ser “palco” para afastar o preconceito linguístico.

Referências

ALKMIM, T. Sociolinguística: parte 1. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (Orgs.).

Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 1. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 9 mar. 2023.

BELINE, R. A variação linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à linguística:** objetos teóricos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

BEZERRA, M. A. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológico. In:

BEZERRA, M. A.; DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós cheguemu na escola, e agora?:** sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CALVET, L. J. **Sociolinguística:** uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

COAN, M.; FREITAG, R. M. K.; Sociolinguística variacionista: pressupostos teóricometodológicos e propostas de ensino. **Domínios da linguagem**, v. 4, n. 2, p. 173-194, 2010.

Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11618>.

Acesso em: 26 jan. 2022.

DOLZ, J; NOVERRAZ, M; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. 3. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

ECKERT, P. Variation, convention and social meaning. **Annual Meeting of the Linguistic Society of America**, Oakland-CA, jan. 2005. Disponível em:

<https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.553.1313&rep=rep1&type=pdf>.
Acesso em: 03 ago. 2022.

FREITAS, F. L; SILVA, E. C. O gênero meme como ferramenta de argumentação nas redes sociais. **Anais VI CONEDU**, Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/61435>. Acesso em: 05 fev. 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Pereira Scherre e Carolina Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIMA-NETO, V. Meme é gênero? Questionamentos sobre o estatuto genérico do meme. **Trabalhos de Linguística Aplicada**, Campinas, n(59.3): 2246-2277, set./dez. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/XGJdRy4CyYRPMMTVQbgh38g/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 05 maio 2023.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: BRAGA, M. L.; MOLLICA, M. C. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

SILVA JUNIOR, J. B.; OLIVEIRA, J. P. As contribuições da sociolinguística ao ensino de gêneros textuais digitais à luz dos documentos oficiais brasileiros. **Brazilian Journal of Development**, v. 9, n. 1, p. 2190-22905, 2023. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/56210/41295>. Acesso em: 15 fev. 2023

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

VACARIO, M.; PINHO, J. S. Reeducação sociolinguística: uma proposta didática para reflexão do uso concreto do português brasileiro. **Web Revista Sociodialeto**, [S.l.], v. 8, n. 22, p. 272-291, jun. 2017. Disponível em: <http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/85>. Acesso em: 18 fev. 2022.